

## **CRECHE: LUGAR PARA FICAR OU PARA APRENDER?**

### **AS FAMÍLIAS RESPONDEM**

## ***NURSERY: PLACE TO STAY OR TO LEARN?***

### ***FAMILIES RESPOND***

## ***GUARDERÍA: ¿ESPACIO PARA ESTAR O PARA APRENDER?***

### ***LAS FAMILIAS RESPONDEN***

Letícia Veiga Casanova<sup>I</sup>

Valéria Silva Ferreira<sup>II</sup>

<sup>I</sup>Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina – Brasil. E-mail: leticiacasanova@gmail.com

<sup>II</sup>Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina – Brasil. E-mail: v.ferreira@univali.com



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### **Resumo**

Esta pesquisa teve como objetivo escutar as famílias de crianças de berçários que frequentam a creche em período integral, procurando compreender o sentido atribuído por elas às atividades realizadas nas creches. A coleta de dados foi feita através de entrevistas na casa das

onze famílias participantes, dessa forma, conhecemos um pouco mais quem são essas famílias e como vivem. Escutar as famílias nos permitiu constatar que a creche é um lugar para deixar as crianças enquanto as mães estão no trabalho. Esta característica é reforçada nos momentos de entrada e saída das crianças, em que algumas mães conversam com as professoras e são informadas se a criança comeu, dormiu e se passou bem o dia. As famílias observam que sua criança brinca, canta, ouve histórias, faz “trabalhinhos” nesse espaço, mas definem tais atividades como distração. Porém, as mães também reconhecem a creche como um lugar para aprender, entretanto, essa constatação se faz na relação com a própria criança e não por intermédio dos profissionais da creche.

**Palavras-chaves:** Relação família-creche. Educação infantil. Família.

### ***Abstract***

*This research aimed to listen to the families of children who attend day care nursery full time, trying to understand the meaning attributed by them to the activities carried out in nurseries. Data collection was conducted through interviews at the home of eleven participating families; thus we learned a little more who these families are and how they live. Listen to families allowed us to verify that the nursery is a place to leave the children while their mothers are at work. This is reinforced in the entry and exit times of children when some mothers talk to the teachers and are informed if the child ate, slept and if he/she spent the day well. Families observe that their child plays, sings, listens to stories, performs ‘tasks’ in this space, but they define such activities as a distraction. Mothers also recognize the nursery as a place to learn; however, this observation is made in relation to the child him/herself and not through the nursery professionals.*

**Keywords:** Family day care center relationship. Childhood education. Family.

### ***Resumen***

*Esta investigación tuvo como objetivo escuchar a las familias de los niños que asisten a la guardería en período integral, tratando de entender el significado atribuido por ellos a las actividades realizadas en las guarderías. La recolección de datos se realizó a través de*

*entrevistas en el hogar de las once familias participantes. De este modo fue posible conocer un poco más sobre quiénes son estas familias y cómo viven. Escuchar a las familias nos permitió ver que la guardería es un lugar para dejar a los niños mientras sus madres están trabajando. Esta característica, se ve reforzada en los momentos de entrada y salida de los niños, cuando algunas madres hablan con las profesoras y se informan si el niño comió, durmió y si ha pasado bien el día. A su vez las familias observan que su niño juega, canta, escucha historias, hace "trabajitos" en este espacio, pero definen esas actividades como una distracción. No obstante, las madres también reconocen la guardería como un lugar para aprender. Sin embargo, esta afirmación se basa en la relación con el propio niño y no a través de los profesionales de la guardería.*

**Palabras claves:** *Relación familia – guardería. Educación infantil. Familia.*

## 1 Introdução

De segunda à sexta-feira, a partir das 7 horas, o portão da creche pesquisada já está aberto e começa a receber pais, mães, irmãos, avós que trazem suas crianças, deixam-nas com os profissionais e seguem caminho ao trabalho ou aos seus afazeres diários. As crianças dessas famílias permanecem, em média, cerca de dez horas na instituição e vivenciam situações diversas, em espaços específicos e com uma rotina estabelecida. Neste ambiente elas comem, brincam, socializam-se, são cuidadas e educadas.

As instituições, bem como o processo de educação das crianças pequenas, também foram se modificando com o tempo. O que antes era de extrema responsabilidade da família, passou a ser compartilhada com as instituições de educação infantil. São duas referências, família e professor, que se relacionam diante de um ponto em comum: a criança. É nessa relação que surge um mundo de novidades, descobertas, sensações, sentimentos, tanto da família em relação à instituição quanto vice-versa. A relação família e escola inicia na creche quando os bebês deixam o cuidado exclusivo da mãe e passam a vivenciar outras experiências com outras pessoas, em um outro ambiente que não o lar. É na relação com as famílias de crianças de berçários que esta pesquisa se configura.

Muito se tem pesquisado sobre a importância de uma boa relação entre pais e creche em uma perspectiva de valorização da ação educativa (NEVES, 2004; ARAÚJO, 2006; ABUCHAIM, 2006; MOREIRA E BIASOLI-ALVES, 2007; MARANHÃO E SARTI, 2008).

Porém nos faltam dados e pesquisas que configurem o ponto de vista e a fala dos pais nesse processo para compreendermos o que e como a instituição de educação infantil está comunicando seus fazeres aos pais.

Firma-se, assim, o objetivo condutor deste estudo: escutar as famílias, procurando compreender o sentido atribuído por elas às atividades realizadas nas creches.

## **2 A creche, os espaços e suas rotinas**

As famílias selecionadas para este estudo são de um Centro de Educação Infantil localizado em um bairro que dispõe de características que podem ser encontradas em qualquer região do Brasil e do mundo: bairro populoso, definido pelo nível socioeconômico baixo e povoado por muitos migrantes e imigrantes.

A pesquisa foi desenvolvida com as duas turmas de berçário - berçário I (crianças de 4 meses a 1 ano) e berçário II (crianças de 1 ano a 2 anos). O ambiente dessas salas é composto pela área dos berços, do espelho com colchão e brinquedos, área da higiene com trocador e chuveiro e o solário. A rotina é organizada pelas atividades de alimentação, troca, banho, sono, brincadeira livre e atividades dirigidas. No momento de recepção e saída das crianças, as salas permanecem com as portas abertas, porém, o portãozinho impede que as famílias entrem na sala. As crianças, assim, são deixadas por cima do portão e a maioria das famílias mantém uma conversa rotineira com a atendente e a professora.

É neste espaço que as ações ocorrem, as condutas se definem e as interações entre famílias, crianças e creche podem acontecer.

## **3 Ouvindo as famílias**

Com o objetivo de criar uma aproximação com os pais, crianças, professoras, atendentes e a própria rotina de trabalho das turmas do Berçário I e II do Centro de Educação Infantil selecionado, permaneci na instituição durante uma semana nos horários de entrada e saída das crianças: das 7h às 8h e das 17h às 19h, estabelecendo contato com pais, mães, irmãos e avós que levavam ou buscavam as crianças na creche.

Durante esse período conversei sobre a pesquisa com os pais ou irmãos que levavam e buscavam suas crianças. Agendamos a entrevista com onze famílias que quiseram participar.

Acabei sendo recebida pelas mães, as quais participaram da entrevista e, em dois casos, as irmãs mais velhas também responderam às perguntas.

A opção de coletar os dados na casa dos responsáveis pela criança é apresentada por Mayall (2005, p.134) na observação de outros desafios que se diferenciam do clima da escola. “A experiência de tomar parte nestas entrevistas demonstrou que as conversas informais com pares [...] no ambiente social familiar da casa, permitiam acesso ao conhecimento das crianças e a informação da vida diária, que na perspectiva da criança, quer na do adulto”.

E foi somente indo até as casas das famílias que pude conhecer a verdadeira realidade em que vivem. Além da situação econômica que fica evidente quando conhecemos a residência de cada um, observei também a forma de interação entre os pais e seus filhos e fiz parte da rotina da família, principalmente pelo café da tarde, o jantar, o lavar a roupa, o momento do banho, além de conhecer os animais de estimação de algumas famílias.

#### **4 As famílias: um grupo de singularidades**

Nas instituições de educação dos pequenos, conhecer cada criança torna-se imprescindível para o sucesso do processo. Porém, só conhecer as crianças não basta quando se busca a educação compartilhada, que prevê a troca, a interação entre pais e professores, o envolvimento entre instituição educacional e familiar. E, para tanto, conhecer as famílias torna-se fundamental. Cada qual com suas especificidades, com modos próprios de se relacionar com o mundo, de entender e estabelecer contato com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano. Como afirma Szymanski (2010), o importante é conhecer o tipo de vida que estão oferecendo ao filho(a) e não somente identificar o tipo de família.

Conhecer o que as famílias são e como se caracterizam pode nos trazer informações importantes e, como afirma Lahire (1995, p.72), “o fato de os diferentes membros das famílias contextualizadas agirem como agem, de seus filhos serem o que são e comportarem-se como tal nos espaços escolares não é fruto de causas únicas que agiriam poderosamente sobre eles”, as famílias estão envolvidas em um conjunto de fatos que os tornam o que são.

Conjunto de fatos que se estabelecem nas configurações das famílias e percorrem o grau de escolarização, seu trabalho, a renda familiar, sua relação com os outros membros da família e comunidade, suas vivências e experiências. São onze famílias que possuem suas próprias histórias de vida e se traduzem de forma superficial nas linhas que seguem. A

intenção não é caracterizar de forma detalhada cada perfil familiar. O que buscamos são algumas informações que deem forma aos sujeitos de nossa pesquisa.

A *família da Ana*, de 1 ano e 5 meses, é composta pela mãe e a avó, que moram na mesma casa. A mãe, de 21 anos, possui o ensino médio completo, trabalha como auxiliar de escritório, recebe mensalmente 2 salários mínimos e meio. Na creche, ela conta que a filha já fez amizades e relata que começou a observar, depois de uma conversa com a mãe da Laura, que a filha quando chega, vai direto ao berço em que a Laura está.

Já a *família da Laura*, de 1 ano, é composta pela mãe de 22 anos, o pai com 34 anos e moram junto com o avô. O pai trabalha como segurança e a mãe é funcionária pública e trabalha na Secretaria de Obras como secretária de um departamento. A renda mensal gira em torno de 9 salários mínimos. A mãe fez questão de mostrar as lembrancinhas que a Laura fez na creche e que estão penduradas em um quadro na parede da cozinha.

A *família do João*, de 2 anos e 3 meses, é composta pela mãe, pelo pai e duas irmãs mais velhas que são as responsáveis em levar e buscar o João da creche. A mãe, de 34 anos, possui o ensino médio e trabalha como técnica em enfermagem no hospital no período noturno. O pai, 36 anos, é comprador e também possui o ensino médio completo. A renda familiar declarada é de 3 salários mínimos.

A *família da Paula*, de 10 meses, mora na casa que fica nos fundos do terreno da casa da avó. A casa possui a cozinha e sala conjugadas, dois quartos. A avó trabalha como auxiliar de serviços gerais na creche e é ela a responsável em levar a Paula para casa no final do dia. A mãe e o pai possuem o ensino médio completo. O pai, de 25 anos, é eletro-mecânico e a mãe, de 20 anos, é vendedora. A renda familiar declarada é de 4 salários mínimos. Durante a entrevista, o tio da Paula chega e imediatamente a pega no colo. A mãe declara que é por isso que ela está manhosa, só quer colo e ela leva bronca das professoras da creche.

A *família do Roberto e da Roberta*, gêmeos de 1 ano e seis meses, é composta pelo pai, de 32 anos, que estudou até o ensino fundamental e trabalha como empilhador; a mãe, de 32 anos, que cursou até o segundo ano do magistério e confecciona bolsas em casa; a irmã com 6 anos e mais um casal de gêmeos com 4 anos. A renda mensal da família gira em torno de 2 salários mínimos. A casa da família corresponde a essas casas populares de alvenaria, mas precisou de ampliações. A cozinha, feita de madeira, ocupa a parte de trás da casa e o chão não possui piso, bem como a lavanderia.

A *família do Eduardo*, de 2 anos e 3 meses, também é grande. Moram na casa o pai, 38 anos de idade, que estudou até a terceira série do ensino fundamental e trabalha como pedreiro; a mãe, de 34 anos, diarista e frequentou a escola até a segunda série do ensino fundamental (quando questionada se havia interesse em continuar os estudos ela relatou que até tentou mas o marido não a deixou pois era no período noturno e ela tinha muitos filhos para cuidar); vivem na casa também mais 5 filhos além do Eduardo, 2 meninos e 3 meninas. A mãe relata que o filho mais velho não quis mais ir para a escola e deixou de frequentá-la desde a terceira série do ensino fundamental. Todos os demais estão na escola, a menina mais velha está cursando o magistério e também participou de uma parte da entrevista junto com a mãe.

Na *família do Alberto*, de 1 ano e 5 meses, presenciei a hora do jantar. A mãe cozinhava uma sopa, o irmão de 4 anos brincava com quebra-cabeça na mesa da cozinha e o Alberto choramingava com um pouco de sono. A família mora em um apartamento com cozinha e sala conjugados e mais dois quartos. O pai, 24 anos, carpinteiro, terminou o ensino fundamental. A mãe, 24 anos, concluiu o ensino médio, trabalha como vendedora e foi quem participou da entrevista. Os dois filhos frequentam o mesmo centro de educação infantil, a mãe os leva, o pai os busca. A renda familiar declarada é de 4 salários mínimos e meio. A mãe, no final da entrevista, enquanto servia o jantar às crianças, relatou que o Alberto aprendeu a comer sozinho na creche e agora ele só quer comer sozinho em casa também.

A *família da Bruna*, de 2 anos, também observa que ela aprendeu a falar mais na creche. E a mãe, de 35 anos, faz essa comparação com as crianças que moram nas outras quatro casas que ocupam o mesmo terreno e brincam junto com a Bruna nos finais de semana. A casa possui uma cozinha, um quarto e a área de serviço. Moram o padrasto, de 39 anos, com ensino médio completo e que trabalha como motorista; a mãe, que estudou até a sexta série do ensino fundamental e trabalha como operadora de máquinas.

Já a *família do José e da Maria*, 10 meses e 2 anos e 7 meses, respectivamente, dispõe de 2 salários mínimos para as despesas mensais da mãe, de 24 anos, da irmã de 5 anos que também frequenta o centro de educação infantil no período matutino e do José e da Maria. O pai faleceu há mais ou menos 7 meses. Desde então a mãe, que só estudou até a quarta série do ensino fundamental, começou a trabalhar com a confecção de bolsas em casa para aumentar a renda e precisou colocar as crianças na creche. A casa dispõe desses dois cômodos e fica aos fundos da residência de parentes.

A *família do Pedro*, 2 anos e 3 meses, também mora nos fundos do terreno da casa de parentes. Uma residência pequena que dispõe de quarto, cozinha e sala. Moram a mãe, o Pedro, um irmão de 8 anos e uma irmã de 9 anos. O pai está preso e a família sobrevive com 1 salário mínimo do trabalho de doméstica da mãe, de 27 anos, que estudou até o ensino fundamental. Os irmãos são os responsáveis por levar e buscar o Pedro da creche mas pelo menos uma vez por semana a mãe gosta de ir para conversar com as professoras.

A *família da Rita*, 1 ano e 6 meses, também não tem a figura do pai presente. Os pais são separados e o pai não vê a Rita desde o nascimento. Em um apartamento pequeno, com dois quartos e a cozinha, vive a mãe, a Rita e mais dois irmãos, um menino de 10 anos e uma menina com 16 que frequentemente vai buscar a Rita na creche. E foi ela e a mãe que participaram da entrevista. A mãe, de 37 anos, trabalha como doméstica e estudou até a sexta série do ensino fundamental. E a irmã mais velha também se prepara para arrumar um emprego e ajudar na renda da família que é de 1 salário mínimo e meio.

Essas onze famílias, que carregam consigo suas próprias vivências, frequentam o espaço da creche, criando as possibilidades de interação e socialização com o ambiente, os profissionais e o conhecimento nele disponíveis. São famílias, são pessoas que nos mostram através de suas vivências, afazeres, profissões e rotina da casa o que são, o que pensam e como vivem.

## 5 Comer, brincar, dormir: o que acontece na creche?

Pensar a relação entre creche e família é considerar o nível de compartilhamento existente entre essas duas instituições responsáveis pela educação dessas crianças. Refletindo sobre essa relação de troca contínua e recíproca, observa-se não um compartilhamento, mas o ato de informar<sup>1</sup> as famílias sobre algumas atividades que acontecem na creche, como por exemplo, a rotina burocratizada (GIRALDI, 2008) com horários fixos de alimentação, trocas, banho e sono. A mãe da Rita ilustra como soube do horário de chegada das crianças: *a gente ter que levar às oito horas. Não pode passar disso por causa da alimentação. Tinha mãe que chegava lá oito e meia, eu mesmo no começo que eu ainda não tava trabalhando, daí eu*

---

<sup>1</sup> Utilizaremos o termo **informar** no sentido restrito da palavra que significa dar informe ou parecer sobre. Fonte: Dicionário Aurélio Sec. XXI.



*dormia até mais tarde pra levar ela mais tarde e acabava levando oito e meia, nove horas e não pode por causa da alimentação.*

Assim como a mãe da Rita, que foi informada sobre o horário de entrada<sup>2</sup> das crianças, todas as demais sinalizam que sabem dos horários de algumas atividades. Atividades estas que se limitam, em sua maioria, aos horários da alimentação e do sono, como relata a mãe do Roberto e da Roberta: *na manhã eles tomam, no caso a mamadeira. Depois eles tiram um cochilinho. Às onze horas elas dão o almoço. Depois eles brincam. Acho que berçário é mais essa coisa.*

O brincar também é citado por mais duas mães. Percebe-se que fazem referencia ao brincar como uma atividade natural da criança, como registra a mãe do José e da Maria: *e brinca também, come, dorme, brinca com as crianças, porque eles são pequeninhos ainda.*

Creemos que o brincar é percebido pelas mães como um ato rotineiro e sem função educativa. Todas as mães que citaram o brincar como atividade executada na creche, além da alimentação e do sono, observaram essa atividade nos horários de entrada e saída, quando as professoras estão focadas na recepção ou na entrega das crianças. Nesses momentos não se percebe uma atitude pedagógica ou o envolvimento do professor nas brincadeiras das crianças. Goldschmied e Jackson (2006, p.25) afirmam que

Convencer os pais de que a criança está bem ocupada quando ‘só brinca’ sempre foi um problema para educadores da primeira infância [...]. Em muitas culturas dá-se pouca importância ao brincar [...] e, embora possamos notar que elas brincam espontaneamente, às suas atividades não se confere nenhum tipo de atenção particular por parte dos adultos.

E a mãe da Laura confirma esse posicionamento: *Até o que eu sei é que eles tem uns horários estipulados. Eu sei mais ou menos os horários que são dados à alimentação e pensando eles tem o horário do sono. E eu sei que elas deixam as crianças mais soltas, assim né, elas ficam brincando e elas ficam observando. Brincam entre eles, pegam os brinquedos e é colocado sempre música pra eles.*

---

<sup>2</sup> Horário este estabelecido burocraticamente pela creche e que não respeita a individualidade das famílias e muito menos das crianças. Esta mesma mãe ainda registra que a função da família na creche é participar conforme as funções da creche e *as regras tem que ser cumpridas.*

E não é só a questão do brincar que é tratado como uma atividade natural<sup>3</sup> da criança. Toda a rotina citada pelas mães, a alimentação e o sono, é comunicada às famílias como um ritual a ser cumprido e não uma oportunidade de desenvolvimento para a criança. Para Fortunati (2009, p.55), esses momentos devem proporcionar “visibilidade aos itinerários evolutivos, tornando possível uma troca com os pais em torno das experiências reais das crianças, dando ênfase a sua contribuição evolutiva”.

Novamente a troca entre pais e creche é citada, mas o que observamos é a mera informação sobre tarefas rotineiras e sem importância quanto ao aspecto do desenvolvimento, em conversas rápidas no portão da sala. Conversas essas que focam somente o que é feito e para Evans e Ilfield *in Post* e Hohmann (2003, p.193) “uma rotina é mais do que saber a hora em que o bebê come, dorme, toma banho e se vai deitar. É também saber como as coisas são feitas [...]”.

A maioria das mães ainda registra que ficaram sabendo dos horários da rotina em conversa com as professoras, como relata a mãe do Pedro quando questionada sobre como sabia o que o filho fazia lá o dia todo: *é porque eu converso com elas, ai elas falam*. E observa-se sempre uma conversa que parte das mães, um questionamento se a criança comeu, se dormiu, se passou bem o dia.

E outras duas mães conheceram o que os/as filhos/as fazem na instituição por intermédio de outros funcionários. Como a mãe do Roberto e da Roberta, que tem a cunhada cozinheira que trabalha no período da manhã na creche e registra que sabe dos horários de alimentação e sono *porque ela fala pra mim, eu sei por causa disso. As outras coisas fala rindo se tu me perguntar assim eu já não tenho como te responder porque eu não sei*.

Conhecer o que as famílias sabem e como sabem nos faz perceber que a creche estabelece algumas estratégias superficiais e não sistematizadas de comunicação com os responsáveis que diariamente levam e buscam suas crianças. A mãe do Eduardo, por exemplo, afirma que *converso, converso bastante com elas* (as professoras) e presenciei durante a semana que permaneci na creche, que esta mãe frequentemente entrava e saía da sala, vendia perfumes às professoras e mantinha uma conversa rotineira com elas, não necessariamente sobre o dia da criança.

---

<sup>3</sup> A atividade natural referencia uma situação na qual não é utilizado nenhum artefato cognitivo e nenhuma sofisticação técnica, conforme afirma Lahire (2002, p.123).

Porém, também era nítida a pouca conversa que havia com outras mães, como por exemplo, com a mãe da Bruna que registra: *eu sempre pergunto assim, como tem feriado, se vai ter creche se não vai ter, se vão prolongar ou não. Assim, a gente não conversa muito, muito.*

Melo (2008) também registra que há pouca iniciativa por parte das professoras para a interação e, quando há iniciativa, as professoras têm atitude receptiva e os pais atitude ativa nas trocas. cremos que a não sistematização das ações de envolvimento da família nos acontecimentos rotineiros da creche perpetua a significação da creche como um simples lugar para ficar, onde as crianças desfrutam de horários fixos de alimentação, sono e brincadeiras. Bógus *et al* (2007) também reconhecem que as mães apresentam baixa exigência com relação aos cuidados prestados e que valorizam mais os aspectos relacionados com alimentação, higiene e administração de medicamentos.

Perde-se, assim, a oportunidade de expandir o conhecimento das famílias sobre o que seria o real significado do trabalho da creche. Szymanski (2010, p. 30) ressalta que “um olhar educativo para a família sugere que as práticas podem ser aprendidas e/ou modificadas segundo uma proposta educacional e que os pais, enquanto educadores, podem ser sujeitos de um programa de formação”.

Partimos aqui do pressuposto de que o processo de ação e comunicação é carregado do seu patrimônio cultural (LAHIRE, 2002) e a creche torna-se, assim, responsável pela transmissão desse patrimônio aos que se relacionam com ela. Porém, percebe-se nessa relação, que grande parte da cultura é transmitida sem consciência tanto dos transmissores, que se configuram pelos funcionários, mais precisamente os professores, quanto dos receptores, os responsáveis pelas crianças em contato com a creche.

E ainda cremos que as famílias são levadas a construir hábitos nesse contexto socialmente organizado, mas sem que tenha havido realmente a transmissão expressa de um conhecimento. Para Lahire (2002, p.176) “a ‘transmissão cultural’ é, na maioria das vezes, questão de tempo, de repetição, de exercício, pois trata-se da instalação progressiva de hábitos no corpo, sejam hábitos mentais ou gestuais, sensoriais ou intelectuais”. Portanto o que é transmitido não é um saber, mas um trabalho, uma experiência. Quando os responsáveis pelas crianças vêem as pessoas atuando na creche, enxergam um trabalho e não um conhecimento ou um saber.

Isso fica claro quando as mães conseguem nos dizer o que suas crianças fazem na creche durante o dia e reconhecem seu desenvolvimento nessas ações diárias. Mas não são capazes de especificar o *por que*, *como* e *para que* fazem tudo isso. Quando questionadas sobre os objetivos das atividades, as afirmações discorrem entre *não sei* ou *acho*. E sobre o desenvolvimento das crianças a fonte é a própria observação da mãe sobre a criança.

Aqui se torna imprescindível registrar a responsabilidade da creche em revelar às famílias suas ações fundamentadas em conhecimentos. Tanto professores quanto familiares podem e precisam conhecer o por que, como e para que as atividades existem dentro da creche.

E o que seria esse conhecimento, esse saber dentro do patrimônio cultural da creche? Um deles é a valorização da infância enquanto categoria social e outro são os princípios educativos fomentados no currículo da creche.

Para pensar a educação dos pequenos deve-se, impreterivelmente, levar em consideração o conceito de infância aqui estabelecido, observando as crianças pequenas como sujeitos reais, que possuem sua cultura, sua história, sua classe social, sua família e seus próprios desejos e necessidades.

Significa dizer, nesse entendimento, que as crianças produzem e aprendem no ambiente da brincadeira, da descoberta, da ludicidade. Valorizar essas ações como mecanismos de aprendizagem é reconhecer a cultura da infância e superar o clichê de um “vir a ser”, no qual a educação infantil apenas prepara para a escolarização. A mãe do Pedro registra que as atividades são *pra estimular o desenvolvimento da criança porque antes, antigamente, saía com seis anos da creche e agora sai mais cedo, né. Quando vai pro Maternal I já aprende mais coisa vai até chegar no Jardim II, e vai pro Pré já vai aprender a ir escrevendo, né, já pra estimular.*

Observa-se que quanto menos a creche é capaz de conscientizar, envolver e compartilhar com as famílias o aspecto da valorização da cultura da infância, da importância da brincadeira e do ser aqui e agora, todas as suas ações serão pautadas em um futuro, voltadas para a escolarização ou para a atuação no campo de trabalho.

Outro conhecimento dentro das ações da creche é o que Portugal (1998, p.204) nos aponta como sendo o currículo e os princípios educativos, “se a educação é uma preocupação básica na creche, se o educador educa e não é apenas um *guardador* de crianças, importa que haja um currículo, isto é, um plano de desenvolvimento e aprendizagem”.

Também se desenvolve e se aprende na creche, e essa afirmação é feita por todas as mães. Todas elas são capazes de reconhecer e verbalizar o que a sua criança aprendeu na creche. A maioria cita o aprendizado nos aspectos da aquisição da fala e desenvolvimento motor, como ficar em pé, andar, bater palmas, dar tchau, encaixar pecinhas, falar mais e cantar. E, outras duas, também relatam o aprendizado nos aspectos sociais como ajudar mais em casa e brincar com outras crianças. A mãe da Paula sinaliza que a filha aprendeu a mostrar a língua, a bater palma, dar tchau e *quando ela fala papapapa eu dou um pão e ela não quer, daí eu mostro a mamadeira ela quer a mamadeira. Acho que eles falam lá papa né, sei lá. Isso eu também já observei que ela diz que a mamadeira é o papa.*

Moro (2004) enfatiza que há, por parte das mães, o reconhecimento de alguns aspectos favoráveis ao desenvolvimento das crianças no espaço da creche. Esse fato registra o que muitas mães também relatam: que observam na criança, na relação em casa, no contato com os irmãos esse desenvolvimento. A mãe da Bruna comenta que a filha aprendeu a falar bastante na creche, pois ela faz a comparação com a filha da vizinha que tem a mesma idade e não fala tanto quanto a Bruna. Esse desenvolvimento é mérito da creche na visão da mãe, entretanto não é comunicado pela instituição pela falta de sistematização na relação de envolvimento das famílias nas ações diárias. Essa relação faz com que a creche, em geral, como afirma Bondioli e Mantovani (1998, p.93), apareça como uma instituição pouco conhecida e complementam: “a creche é vista como uma estrutura pouco orientada para transmitir ao mundo exterior o saber e os conhecimentos que se constroem no seu interior”.

A irmã do Eduardo, que cursa o magistério, consegue ter com a professora um envolvimento completamente diferente ao que se refere às atividades elaboradas na creche. Ela registra a atividade de leitura como rotina na sala do Eduardo e vai além, dizendo que as crianças identificam os desenhos a partir dos livros, trabalham o lúdico e a imaginação.

Observamos que nenhuma outra família conseguiu identificar os objetivos das atividades executadas na creche com tanta precisão. Os relatos resumem-se aos horários de alimentação, sono e brincadeira, sabidos através de conversas com as professoras e os significam como uma atividade natural da creche. Um exemplo é o registro da mãe e da irmã da Rita quando questionadas sobre o que chama mais atenção no espaço da sala:

*Irmã: tem aquelas garrafas. A Rita adora aquelas garrafas.*

*Mãe: mas tem areia lá dentro será?*

*Irmã: não, é EVA, aquelas borrachinhas.*

*Mãe: eu nunca reparei assim.*

*Pesquisadora: E vocês, por exemplo, em relação a essas garrafas, sabem o por que de existir lá dentro da sala dos bebês?*

*Mãe: não.*

*Irmã: acho que é porque é colorido, né.*

*Mãe: eu creio que seja pra distrair, né.*

Outros relatos focam o desenvolvimento da criança, dando significado às ações da creche como um lugar de aprender, mas percebidos pelas famílias através da interação com a própria criança no ambiente da casa. A mãe do Pedro nos confirma essa situação, quando informa que o filho aprendeu a rabiscar na creche, mas *isso é o que eu observei nele, porque assim oh, as crianças vão fazer deveres ele também quer papel pra rabiscar, porque na creche ele pinta, né, em casa eu não tenho costume de dar é só quando ele pede porque na creche ele pinta.*

As famílias conseguem listar algumas das atividades elaboradas na creche, entretanto não conseguem reproduzir o “como” fazem e muito menos o “por que” fazem. Outro exemplo é da mãe da Ana que relata: *Eu acredito que ela fique fazendo bastante é **pensando** atividade educativa, porque a Ana de uns dias pra cá eu reparei que tu pergunta pra ela assim: Ana cadê teu olho? Que antes ela só sabia onde era a barriga. E agora tu pergunta: onde é o olho? Ela já te mostra. Onde que é o nariz? Ela já bota a mão, a boca. Eu acredito que seja mais ou menos isso.*

Saber o que, como e por que as crianças fazem determinadas atividades contribuiria para a “construção de identidades parentais conscientes, menos frágeis” e que concebessem a criança como portadora de grandes potencialidades cognitivas e relacionais (FORTUNATI, 2009, p.55).

Outro exemplo especifica que as famílias desconhecem o “como” e o “por que” das atividades. A mãe da Rita conta que a filha já trouxe uma atividade pra fazer em casa, era a Rita desenhada em papel pardo e a família teria que enfeitar, colar roupa, cabelo, desenhar olhos etc. Além dela, outras quatro mães também citaram essa atividade levada para ser feita em casa e todas elas, incluindo a mãe da Rita, relatam que *não, não sei porque que elas fizeram. Acho que era pra **pensando** mostrar que eram eles assim, não sei, não entendi ali*

*qual era a finalidade. Mas elas nunca falam assim: ah, nós vamos fazer esse trabalho porque assim, assim. Só pediram pra gente fazer.*

A mãe do Roberto e da Roberta também cita a mesma atividade e tenta formular os objetivos do trabalho levado para fazer em casa: *eu acho, tipo, pra estimular aquela coisa de coordenação motora da criança, né.*

O termo “acho”, citado por outras mães quando questionadas sobre o por que ou como fazer determinadas atividades com os bebês, simboliza a lacuna existente no envolvimento entre família e creche e o compartilhamento efetivo da ação educativa.

Isso nos faz pensar em algumas possibilidades para essa atitude de não esclarecimento aos familiares dos objetivos pedagógicos que todas as atividades dentro da creche visam alcançar: a primeira considera que a própria professora não teria objetivos para essa atividade,<sup>4</sup> portanto não os especificou para os pais. A segunda possibilidade refere-se a visão que a professora tem das famílias, enxergando-as muitas vezes como incapacitadas na compreensão dos processos educativos ou pouco interessadas<sup>5</sup>. E a terceira possibilidade é a visão da professora sobre sua tarefa de educadora e sua responsabilidade diante do desenvolvimento das crianças. A professora, assim, comunica aos pais o que detém como importante nas suas funções. Lopes e Guimarães (2004) verificam também a falta de entendimento e clareza, por parte dos profissionais, da sua função na relação com as famílias. E Oliveira (2011) reflete que o caráter polissêmico dos termos cuidar e educar contribui, de forma significativa, para que aconteçam desencontros entre as concepções das famílias e das educadoras acerca do conteúdo e do formato das ações cotidianas com as crianças.

Comunicar, informar, interagir, dialogar, trocar, construir e aprender são verbos que se articulam diante das relações estabelecidas entre família e creche. Refletir sobre essas relações, do ponto de vista das famílias, é poder reconhecer em que profundidade e com que qualidade elas acontecem.

## 6 Considerações finais

---

<sup>4</sup> Estendemos essas considerações para as demais atividades elaboradas na creche e que são traduzidas para as mães como uma rotina sem função educativa alguma.

<sup>5</sup> Fazendo referência a atividade com o desenho da criança em papel pardo, comentei com a professora que algumas mães lembraram-se da atividade e ela declara sua surpresa dizendo que essa tinha sido uma atividade do começo do ano e ficou espantada com a lembrança deles.

As crianças pequenas permanecem basicamente nesses dois ambientes, creche e lar. Crescem e se desenvolvem diante da família e professores. Mas o que uma instituição conhece da outra? Essa pergunta se faz na busca da real educação compartilhada. Conhecer o que creche e família são é o primeiro passo para compartilhar atitudes e conhecimentos que envolvem a educação dos pequenos.

Escutando as famílias podemos compreender o sentido atribuído por elas às atividades realizadas na creche. As atividades valorizadas pelas famílias focam-se na alimentação, higiene e sono. Tornando as demais atividades como o brincar, cantar, ouvir histórias, olhar-se no espelho, interagir com os brinquedos e demais pessoas, apenas distrações. Mas, a creche também é vista como um lugar para aprender. Todas as mães afirmam que sua criança aprendeu no ambiente da instituição, porém essa afirmação se confirma na relação direta da mãe com sua criança. As mães observam o desenvolvimento de seu(a) filho(a) nas ações cotidianas, na relação com os irmãos mais velhos ou comparando com as demais crianças da vizinhança. A creche não mostra, as famílias que observam o desenvolvimento.

Nos momentos de entrada e saída as famílias têm a possibilidade de interagir com o ambiente da creche, porém, as condições de socialização denotam a falta de uma sistematização consciente por parte dos profissionais que estabelecem as conversas de acordo com o que cada mãe quer saber. Identifica-se que a iniciativa da família define o tipo de conversa e o tipo de interação. As informações giram em torno da saúde, alimentação, higiene e sono das crianças.

A relação entre creche e família deveria contribuir para uma imagem da profissão relacionada a de construtora de conhecimento e cultura, como corrobora Dahlberg, Moss e Pence (2003). Porém, a impressão que as famílias têm da creche está muito distante dessa imagem. A comunicação com a família deve oferecer a imagem de que o que está se fazendo é importante, tem um *porque* e ultrapassa o simples objetivo de distração. As interações entre creche e família devem demonstrar que se está construindo progressivamente o desenvolvimento das crianças. Para tal, os profissionais devem estar a todo o momento esclarecendo, comunicando, divulgando aos pais o que se faz na educação das crianças pequenas. Devem valorizar outras formas de interação que superem as conversas superficiais e focadas na alimentação, sono e higiene.

Devem partir da creche as iniciativas dos momentos de interações conscientes e consistentes que delineiam *o que* se faz com crianças pequenas na creche, *como, por que* e



*para que* se faz tudo isso. Pois são os profissionais da creche que conhecem, ou deveriam conhecer, o desenvolvimento infantil, que planejam as atividades educativas e que acompanham o aprendizado de cada criança. A creche deve ter sempre a clareza de que o trabalho com criança pequena exige prioritariamente trabalhar com sua família.

## Referências

- BÓGUS, C. M.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; MORAES, D. E. B. de; TADDEI, J. A. de A. C. **Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras.** Revista de Nutrição, Campinas, v.20, n.5, set./out. 2007.
- FORTUNATI, A. **A educação infantil como projeto da comunidade.** Crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIRALDI, A. V. **A prática da professora no cotidiano de uma creche: que prática é essa?.** 2008. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008
- LAHIRE, B. **Homem plural: os determinantes da ação.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Editora Ática, 1995.
- LOPES, C. C. G. P.; GUIMARÃES, C. M.. **A relação com as famílias na educação infantil: demandas de formação dos profissionais.** 2004. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/470\\_262.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/470_262.pdf)>. Acesso em: 06 junho 2009.
- MAYALL, B. Conversas com crianças. In: CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. **Investigação com crianças: perspectivas e práticas.** Porto: Escola Superior de Paula Frassinetti, 2005.
- MELO, A. S. de. **A relação entre pais e professores de bebês: uma análise da natureza de seus encontros diários.** 2008. 160p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MORO, C. de S. **As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches.** 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/t071.pdf>>. Acesso em: 14 junho 2009.
- OLIVEIRA, M. das G. **A relação entre a família e a creche pública no cuidado e na educação das crianças.** 2011. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- PORTUGAL, G. **Crianças, famílias e creche – uma abordagem ecológica da adaptação do bebê à creche.** Porto: Porto Editora, 1998.
- POST E.; HOHMANN, M. **Educação de bebês em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Casanova, L. V.; Ferreira, V. S.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DAHLBERG, G; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2010.

Recebido em: 18/08/2015

Revisado em: 03/08/2016

Aprovado para publicação em: 04/08/2016

Publicado em: 27/04/2017